

# A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO GRUPO DE COORDENADORES DE ÁREA DO ECOCÂMARA

GARBIN, Sander; OLIVEIRA, Corina;  
RABELO, Márcia; SILVA, Paulo Henrique.

Co-orientadora: Isolda Marinho

Orientador: Fábio Otuzi Brotto

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo descreve e analisa sucintamente a experiência de pesquisa-ação desenvolvida, ao longo do segundo e do terceiro trimestres de 2014, no âmbito do EcoCâmara, comitê responsável pela gestão socioambiental da Câmara dos Deputados. Contextualizada nos princípios, práticas, procedimentos e processos da Pedagogia da Cooperação (PC), a pesquisa teve como principal objetivo analisar as contribuições da PC e das metodologias colaborativas para o desenvolvimento do grupo de coordenadores de áreas temáticas do EcoCâmara.

Este artigo também brotou da esperança de que a PC tenha algo para oferecer às instituições em geral, mesmo aquelas, como a Câmara dos Deputados (CD), que, por vício de ofício, têm como *modus operandi* o excesso de formalidade e de racionalização e o apreço pela burocracia. Pode a cooperação persistir nesse ambiente excessivamente racionalizado e formal?

O EcoCâmara – Comitê de Gestão Socioambiental da Câmara dos Deputados – foi criado em 2003, com a missão de promover de forma integrada a gestão socioambiental na Câmara dos Deputados, incentivando, orientando e consolidando as ações sustentáveis, a fim de contribuir para a preservação do meio ambiente. Alguns objetivos e projetos do Comitê perpassam várias das áreas temáticas em que ele está subdividido. Além disso, um dos autores (Paulo) já foi coordenador da área de Educação Ambiental e outra (Corina) participa como voluntária no programa “Ecocamaradas”. Dessa forma, surgiu a oportunidade de aplicarmos a PC a fim de analisar as suas contribuições para o desenvolvimento do grupo de coordenadores de áreas temáticas do EcoCâmara.

Segundo Marco Aurélio Bilibio (2014, notas de aula), existem dois tipos de movimentos ambientais: os ingênuos e os críticos. Os primeiros enfocam a superfície das questões ambientais, promovendo ações tais como a coleta seletiva de lixo, a reciclagem de papel. Os segundos, por sua vez, questionam as bases de nosso modo de pensar a natureza, denunciando a ilusão de que nós, seres humanos, constituímos uma espécie superior desconectada do mundo natural e merecedora de exercer o domínio sobre todos os seres vivos e todos os recursos naturais.

Embora uns não excluam os outros - e talvez seja um processo de amadurecimento passar de ingênuo a crítico - o que destacamos aqui é a importância de uma visão mais inclusiva da relação do ser humano com a natureza. Dito de outra forma, acreditamos, com base em Fritjof Capra (2008) e Weill (1987), que o ser humano É natureza. Somos um só. Nada está separado. Entretanto, nem sempre percebemos as relações de interdependência entre nós, fundamentalmente, porque nem nossos olhos nem nossas mentes foram preparados ou educados para vê-las. Essa “crise de percepção” (BROTTO, 2009) talvez seja a base de um bloqueio da cooperação. Seria possível juntar o que a racionalidade burocrática separou?

Como a PC pode ajudar a fazer essa religação a partir do centro das estruturas burocráticas? Eis algumas questões que nos desafiaram.

A aplicação do modelo social, político e econômico vigente no mundo ocidental, baseado no capitalismo e no livre mercado, no acúmulo de bens e na competição, tem se mostrado insuficiente (BOTSMAN e ROGERS, 2011) para responder as demandas de sustentabilidade na administração de recursos de diferentes tipos. Novas maneiras de trabalhar e de interagir são necessárias nos mais diversos ambientes.

Neste contexto, parece ter se tornado essencial que reaprendamos a cooperar e a conhecer o mundo de maneira diferente. Segundo Brotto (2009), é preciso nutrir permanentemente o processo de integração da cooperação no cotidiano pessoal, comunitário e planetário, reconhecendo-o como uma conduta ética vital que esteve presente, conscientemente ou não, ao longo da nossa existência no mundo. A Pedagogia da Cooperação, portanto, apresenta-se como uma ferramenta catalisadora de desenvolvimento de habilidades cooperativas, promovendo no nível pessoal e interpessoal novas possibilidades de interação, além de propor um novo paradigma de convivência.

## **2. PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E METODOLOGIAS COLABORATIVAS**

O desenvolvimento da cooperação é um exercício de corresponsabilidade para o aprimoramento das relações humanas em todas as suas dimensões e nos mais diversificados contextos (HENDERSON, apud BROTTTO, 2009). Lannes contribui, afirmando que a “cooperação é um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos” (LANNES, 2012, p. 22). Nesta pesquisa, procuramos compreender as bases teóricas da PC para analisar suas contribuições práticas para o desenvolvimento dos coordenadores de áreas do EcoCâmara.

### **2.1 - PRINCÍPIOS, PRÁTICAS, PROCESSOS, PROCEDIMENTOS E PROPÓSITO DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO**

A PC tem como propósito contribuir para que cada pessoa possa Ven-Ser<sup>1</sup> para poder Ser-Vir mais plenamente ao bem comum, ou seja, àquilo que beneficia cada um e todo mundo. Ela parte de quatro princípios: Princípio da Co-existência, Princípio da Com-vivência, Princípio da Co-operação e Princípio da Comum-idade<sup>2</sup>. Os seres humanos co-existem, ou seja, estão todos ligados de forma interdependente. Estão todos juntos em um mesmo e grande jogo-vida. Mais do que coexistir, vivem juntos, convivem. É pelo convívio que se estabelecem as relações necessárias para que cada um perceba a si e ao outro como seres únicos e interdependentes. A partir dessa compreensão, a inclusão de todos e de cada um é essencial para que seja possível fazer juntos, ou seja, cooperar, elemento essencial para a evolução humana, perceptível também na natureza. Considerando a co-existência como um

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Artur da Távola (1985). Escrita assim, com “S”, representa a capacidade do ser humano ser mais plenamente quem ele é, na interação com o outro.

<sup>2</sup> Na Pedagogia da Cooperação, essas palavras são construtos, ou seja, são conceitos teóricos não observáveis. Exemplos de construtos são personalidade, amor, medo. Tais conceitos são usados na linguagem comum, mas para se tornarem um construto científico necessitam de uma definição clara e de um embasamento empírico. Brotto e Arimatéia (2013) explicam que divisão das palavras é um recurso utilizado pela abordagem dos jogos cooperativos com o objetivo de promover a resignificação da acomodação ocasionada pela repetição sem a plena atenção dada à palavra-ação. Durante o texto, essa provoca-ação será recorrente, por ser uma característica forte dessa abordagem.

fato da vida e a cooperação como uma prática diária, pode-se imaginar a comum-idade como o ambiente para se cultivar o espírito de grupo (BROTTO; ARIMATÉA, 2013).

Tendo em vista esses princípios, a Pedagogia da Cooperação, como um sistema de ensino-aprendizagem, oferece uma espécie de itinerário no qual é possível criar um ambiente onde seja possível praticar a cooperação. São as sete práticas (BROTTO, 2013) descritas abaixo:

**Fazer Com-tato** - Consiste na promoção de atividades nas quais as pessoas do grupo se conheçam e possam se reconhecer como grupo dentro de um determinado contexto.

**Estabelecer Com-trato** - É a construção conjunta de acordos sobre comportamentos e atitudes necessários e desejáveis para que todos estejam bem na jornada que pretendem empreender.

**Compartilhar In-quieta-ções** - Consiste em dar às pessoas a oportunidade de fazer as perguntas que as inquietam e ao grupo, a oportunidade de chegar às principais questões que os estimulem a sair do estado atual e chegar a um estado futuro diferente. Ao compartilhar inquietações, as pessoas percebem que precisam umas das outras.

**Fortalecer Alianças e Parcerias** - Trata-se de oferecer ao grupo o ambiente favorável para aperfeiçoar habilidades de relacionamento cooperativo ou competências colaborativas e, ainda, para que as pessoas se conheçam mais profundamente e, a partir daí, reconheçam-se não apenas como um grupo qualquer, mas como um grupo capaz de superar desafios comuns.

**Reunir Soluções Como-uns** - Consiste em dar ao grupo, que já chegou às suas questões e se sente fortalecido, a oportunidade de propor soluções para as próprias inquietações, soluções que não são de um ou de outro membro, mas que surgem a partir do diálogo e do encontro.

**Realizar Projetos de Cooperação** - Consiste no desenho e realização de projetos capazes de transformar as soluções propostas pelo grupo em ações efetivas para transformação da realidade.

**Celebrar o Ven-Ser** - Trata-se de reconhecer e celebrar o itinerário percorrido, capaz de provocar as transformações coletivas e individuais desejadas pelo grupo reunido num processo cooperativo.

Para percorrer esse itinerário, desde o contato inicial até a celebração do Ven-Ser, a PC recorre a vários processos, ou seja, um conjunto de metodologias, técnicas e estratégias colaborativas sistematizadas com uma nova linguagem e com uma nova abordagem pedagógica que combinam a sabedoria de toda a ancestralidade humana com os recursos da modernidade (BROTTO; ARIMATÉA, 2013). Podemos citar como exemplos de processos as Danças Circulares (RAMOS, 1998), o *World Café* (BROWN, 2007), o *Open Space* (OWEN, 2003), o *Dragon Dreaming*<sup>3</sup>, o Diálogo (BOHM, 2005), a Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006), a Investigação Apreciativa (COOPERRIDER, WHITNEY e STAVROS, 2008) e os Jogos Cooperativos (BROTTO, 2013). Nesta pesquisa, utilizamos alguns desses processos, de acordo com os objetivos emergentes do grupo.

---

<sup>3</sup> A tradução para o português de textos de John Croft é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade. Não há livros editados em português. Esse processo também não foi utilizado nesta pesquisa.

As práticas da Pedagogia da Cooperação, portanto, aliadas aos seus processos e procedimentos são capazes de criar o ambiente colaborativo para que as pessoas, em conjunto, atinjam o propósito da Pedagogia da Cooperação: Ven-Ser para poder Ser-Vir. Os procedimentos da PC são, basicamente: ter o Círculo com centro; começar e terminar juntos; ensinagem cooperativa; ir do mais simples para o mais complexo e estimular o mestre-aprendiz em cada um de nós, no grupo.

## **2.2 AMAR, BRINCAR E CULTURA**

Uma cultura é um modo distinto de viver, de mover-se, de agir e de pensar, conduzido por configurações diferentes do emocionar e que determinam vários modos de ver e de não ver que distinguem os membros de uma cultura de outros, não-membros. Essa é a contribuição de Maturana (2004) que, acreditamos, aplica-se, também, ao mundo das instituições e organizações, que também têm sua própria “cultura”.

O EcoCâmara, como subsistema da Câmara dos Deputados, conduz-se pelo mesmo *modus operandi* da burocracia administrativa que bem descreveu Weber (1979). Assim, podemos dizer que age, vive, move-se e pensa conforme os mesmos padrões, que, conforme Weber, tendem à racionalização, à hierarquização, à previsibilidade e à separação, entre outras características, mesmo em sua forma mais funcional. Supomos que a sustentabilidade é um problema contemporâneo e complexo, que exige criatividade e, portanto, uma mudança de cultura por parte do grupo que foi objeto desta pesquisa.

Segundo Maturana (2004), uma nova cultura surge por meio de uma dinâmica sistêmica, na qual a rede de conversações em que a comunidade em processo de mudança cultural vive, modifica-se, guiada e demarcada precisamente pela nova configuração do emocionar, que começa a se conservar na aprendizagem das crianças. A trajetória da humanidade estaria, portanto, segundo Maturana (2004), atrelada ao curso das emoções humanas.

A convivência é o fundamento presente na vida cotidiana, matizada a cada época. Para Maffesoli (2014), nós nos encontramos em um momento de passagem, que ele denomina pós-modernidade. Neste tempo, emerge uma sociedade officiosa, cujas manifestações e abstenções são cada vez mais evidentes fora da sociedade oficial. “Não é mais o simples social de dominante racional, tendo por expressão o político e o econômico, mas sim uma outra maneira de estar junto, em que o imaginário, o onírico, o lúdico, justamente ocupam um lugar primordial”. (MAFFESOLI, 2010, p.27).

Esse novo estar-junto se expressa mais pela emoção compartilhada e pelo sentimento de fazer parte e menos por uma razão universal, na qual expressões de solidariedade, de generosidade, de reciprocidade, por exemplo, desempenham um papel significativo. “Não mais “a época do eu, mas, a do nós”, não mais a da sociedade, mas a das comunidades.” (MAFFESOLI, 2014, p.159). A cooperação tem fundamentado esses tempos de passagem e parece nos convidar a entrar em contato com a noção de jogo e com o seu papel nessa nova forma de convivência que se vem delineando.

Nessa perspectiva de singularidade e de complementariedade, que emergem quando estamos juntos, é que os jogos e as práticas cooperativas foram aplicados nos encontros promovidos junto ao EcoCâmara. Jogos esses que proporcionam situações para ampliarmos nossa consciência dos padrões competitivos que muitas vezes adotamos, como se fossem a única alternativa, para a relação com o outro e com o mundo (BROTTO, 2009).

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem epistemológica que inspira este trabalho é a transdisciplinar, que se abre a diferentes métodos de pesquisa, ao acaso, às emergências, à intuição e à criatividade. Baseada nos princípios da complexidade (MARIOTTI, 2009; MORIN, 2003), essa abordagem indica aquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina (NICOLESCU, 1999).

A pesquisa que deu origem a este artigo foi de caráter experimental, utilizando a pesquisa-ação como base metodológica e aplicando as sete práticas da Pedagogia da Cooperação e as metodologias ou práticas colaborativas como ferramentas de pesquisa para o desenvolvimento de uma cultura de cooperação no âmbito do EcoCâmara.

A pesquisa-ação é

“um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1986, p.14).

Como instrumento de investigação e de ação à disposição da sociedade, a pesquisa-ação oferece subsídios para que sejam encontradas respostas e soluções capazes de promover a transformação de representações sociais e mobilizar os sujeitos para ações práticas, por meio da interação entre pesquisadores e atores sociais implicados na situação investigada. A intervenção e a produção do conhecimento se interrelacionam na pesquisa-ação. A participação dos atores sociais não se limita a uma simples divulgação de informações, mas implica uma postura proativa na tomada de decisões e oferece um processo de aprendizagem mútua e de fortalecimento comunitário. (TOLEDO; JACOBI, 2013).

#### 3.1 O CONTEXTO DA ORGANIZAÇÃO

A organização escolhida como objeto desta pesquisa foi o EcoCâmara - Comitê de Gestão Ambiental da Câmara dos Deputados em Brasília.

Tendo como uma de suas diretrizes a incorporação dos princípios socioambientais nas atividades administrativas e operacionais da Câmara dos Deputados, o Comitê atua por meio de um escritório central, denominado Escritório Verde. O Escritório funciona como um fomentador das ações de doze áreas temáticas: Área Verde e Proteção à Fauna, Arquitetura e Construção Sustentável, Coleta Seletiva e Responsabilidade Social, Comunicação Institucional, Gestão de Resíduos Perigosos, Educação Ambiental, Interação Legislativa, Licitação Sustentável e Legislação Aplicada, Novas Tecnologias Hídricas e Energéticas e TI Verde.

Cada área temática é liderada por um ou dois coordenadores, que trabalham em diversos departamentos da Câmara. Em geral, o departamento do coordenador tem algum tipo de afinidade com a área temática que ele coordena no EcoCâmara. Atualmente, cada área temática tem trabalhado de forma estanque, não se ligando aos projetos ou objetivos de outras áreas.

#### 3.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA

A população pesquisada é formada por coordenadores de área temática e membros do Escritório Verde do EcoCâmara. São 16 pessoas, sendo 11 mulheres e 5 homens, com a média de idade de 44 anos. 13 são servidores efetivos da Câmara e 3 exercem Cargos de Natureza Especial (CNE).

#### 4. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA APLICAÇÃO DA PESQUISA

As atividades com o grupo se desenvolveram em 3 encontros preparatórios e 4 encontros específicos para a aplicação das 7 Práticas da Pedagogia da Cooperação. A estes 4 últimos denominamos Encontros de Cooperação, que totalizaram 20 horas.

O primeiro encontro deu-se por iniciativa do Ecocâmara, tendo por objetivo valorizar o trabalho dos coordenadores de área temática, por meio da apresentação dos projetos e ações em andamento ao corpo diretivo da Câmara dos Deputados. Consideramos relevante a realização desse encontro para a pesquisa, pois foi nesse evento que o público-alvo teve o primeiro contato conosco. Foi utilizada uma metodologia colaborativa inspirada no World Café, com apresentação simultânea em diversas mesas e constante troca de lugares. Um segundo encontro foi realizado para apresentação do Projeto de Pesquisa e obtenção do consentimento por parte dos participantes. E um terceiro encontro, com uma amostra de 6 coordenadores de área temática, aconteceu com o objetivo de colher as impressões do grupo sobre o sistema Ecocâmara. As principais impressões sobre o sistema podem ser resumidas pelas seguintes frases dos participantes:

*“Dentro dos recursos finitos disponíveis na Câmara, o Ecocâmara busca contribuições dentro dela mesma que podem levar a afetar todo o sistema da vida na Terra.”* (J.B.)

*“O Ecocâmara funciona com uma comunicação centralizada com os gestores, mas sem uma comunicação entre as áreas temáticas. A cabeça sabe tudo o que acontece, mas não há coordenação entre as demais partes. Existe a necessidade de haver um grupo que realmente se integra por perceber que isso vale a pena, não por imposição, mas por vontade.”* (A.P.)

O passo seguinte foi uma entrevista realizada com todos, na qual cada um respondeu as perguntas propostas, que foram as seguintes (com uma síntese das respostas):

##### **1) Quais são os desafios e as duras realidades que os coordenadores de área temática terão que enfrentar?**

*A cultura, que ainda não é uma cultura de sustentabilidade; a dificuldade de tempo para conciliar o trabalho do departamento com as demandas do Ecocâmara; a não integração das áreas temáticas; a dificuldade de se realizar uma educação integral que envolva uma mudança do servidor na vida; a falta de apoio real dos tomadores de decisão; o entendimento de como cada área trabalha; a resiliência, a adaptabilidade e o comprometimento de vida; a falta de apoio e de projetos institucionais nos setores em que os estatutos legais exigem mais do que um trabalho “voluntário”.*

##### **2) Quais são as barreiras sistêmicas que nos trancam no estado atual de operação?**

*Algumas demandas legais não têm condições de serem resolvidas apenas por uma área temática; muitas vezes não há apoio real da administração da Casa para ajudar o coordenador a realizar aquilo que é demandado dele; a questão cultural; a questão socioambiental não é vista como estratégica na Câmara; o giro excessivo de pessoas; a falta de continuidade.*

##### **3) O que, nesta situação é o velho, que está terminando e deveria morrer?**

*A crença de que as coisas não podem mudar, porque são culturais; a crença de que nossas ações ecossustentáveis são isoladas e não influenciam outras pessoas; o*

*individualismo, a forma de trabalho na qual está cada um fazendo o seu, sem interagir e perceber o outro.*

#### **4) O que você sente que é novo, quer nascer, emergir?**

*Uma nova forma compartilhada de trabalhar; reuniões para fazermos morrer o individualismo; o trabalho colegiado na Câmara dos Deputados e no Ecocâmara, com construção coletiva; a visão sistêmica; a necessidade de conhecer todas as áreas; a colaboração para assumir a postura “isso é comigo”, ao invés de “isso não é comigo”; a nova legislação, que trará mudanças.*

A aplicação das 7 práticas da PC foi feita em 4 encontros, os 3 primeiros com 4 horas de duração e o último com 8 horas.

A prática “Fazer Com-Tato” foi realizada em todos os encontros, com atividades como Danças Circulares, Roda de Conversa, Contação de História e Jogos Cooperativos. Os encontros preparatórios também fizeram parte dessa prática.

No primeiro encontro, ocorrido em 13/8, que contou com a participação de 11 coordenadores, focamos nas práticas “Fazer Com-Tato”, “Estabelecer Com-Trato” e “Compartilhar In-Quieta-Ações”. A princípio, havíamos convidado apenas os coordenadores de área temática para o trabalho, deixando de fora os membros do Escritório Verde.

Para proporcionar o Com-Tato inicial, fizemos dois jogos de apresentação, com o objetivo de proporcionar aos participantes a oportunidade de conhecer alguns aspectos do grupo, como talentos e limitações. Essa atividade proporcionou que o grupo tomasse consciência da complementariedade, começando a se enxergar como um grupo de múltiplos talentos, que podem estar a disposição da própria comunidade, como pôde ser visto pela fala da participante M.B.: “Uma única característica não nos define. Em um ambiente profissional, as pessoas tendem a se marcarem por uma única característica, positiva ou negativa. Mas temos um conjunto de características e habilidades que formam algo maior e mais complexo.”

Em seguida, partimos para a prática “Estabelecer Com-Trato”, com o objetivo de estabelecer acordos de cooperação e de com-vivência, para que cada pessoa e todo o grupo tivessem uma sensação de bem-estar durante todo o programa de trabalho conduzido na pesquisa. Foram levantados os seguintes aspectos: alegria, amizade, desafio, generosidade, sinergia, bom humor, compromisso, conforto térmico, objetividade, liberdade de expressão, sigilo, foco, presença, pontualidade, assiduidade, escuta ativa, resultados, intervalo e alimentação. O processo foi simples e não houve maiores divergências. Consideramos o com-trato bastante amplo, sem atitudes e comportamentos muito específicos.

A prática da PC que adotamos em seguida foi a de “Compartilhar In-quieta-ações”, por meio do jogo “In-quieta-Ações” (BROTTO; ARIMATEA, 2013). O tema escolhido foi o fortalecimento do grupo de coordenadores de áreas temáticas do Ecocâmara. Após o desenvolvimento do jogo, o grupo chegou às três perguntas mais inquietantes do momento: 1) “Qual o verdadeiro objetivo desses encontros?”, 2) “Por que é importante a efetividade de minha participação?” e 3) “Como este trabalho pode contribuir em nossos objetivos setoriais, em termos práticos?”

A aplicação do jogo “In-quieta-ações” nos trouxe, a seu tempo, algumas frustrações, pois as principais questões do grupo não estavam diretamente ligadas ao fortalecimento do trabalho dos coordenadores de área, mas, por outro lado, questionavam a própria validade dos encontros de cooperação que estavam sendo propostos ao grupo.

Ao explicar como havia chegado àquelas questões, o grupo trouxe outras inquietações, relacionadas às dificuldades enfrentadas para exercer o papel de coordenador de área

temática. Esse foi um momento decisivo na dinâmica do grupo, pois colocou-se em dúvida a própria continuidade dos encontros, dado que alguns membros manifestaram sua preocupação de que os encontros não levassem a lugar algum, devido a ausência dos membros do Escritório Verde e de representantes de outras áreas temáticas. A participante M.F. disse que não ainda havia entendido o que estava fazendo ali. Esse momento exigiu a nossa intervenção para tranquilizar o grupo. Reconhecemos e respeitamos os sentimentos vividos pelo grupo naquele momento. Nossa intenção com as In-Quieta-Ações é convidar para compartilhar perguntas, questões, dúvidas pertinentes ao tema, de acordo com a percepção, interesse e vontade do grupo. O que vem do grupo é sempre bem-vindo e legítimo. A quantidade e qualidade das questões são definidas pelo grupo e seguimos a partir delas. Quanto a ausência dos membros do Escritório Verde, percebemos que havia sido um erro deixá-los de fora (afinal, a cooperação não exclui ninguém) e resolvemos convidá-los a participar dos encontros seguintes.

O segundo encontro, no dia 20/8, contou com a participação de nove coordenadores de área temática e quatro membros do Escritório Verde e o foco foi a prática “Fortalecer Alianças e Parcerias”. Em razão do ocorrido no primeiro encontro, foi necessário revisitar e rever as inquietações dos participantes, por meio de uma atividade cooperativa na qual todas as questões levantadas no primeiro encontro foram expostas e, em grupos, os participantes escolheram o que deveria ficar, o que deveria sair e que novas perguntas precisavam ser feitas. O grupo então chegou às novas inquietações: 1) *“Como é possível atingir um “lugar” de coesão deste grupo tão heterogêneo?”*, 2) *“Como melhorar a efetividade do Ecocâmara em relação a comunicação, visão sistêmica, conceituação e construção?”*, 3) *“Como formar novas gerações de coordenadores temáticos?”*, 4) *“Como garantir que, finda a atividade, a interatividade permanecerá?”*, 5) *“Quando a intermediação do Escritório Verde é necessária?”* 6) *“Como fazer a administração em geral assumir o Ecocâmara?”* e 7) *“Como este trabalho pode contribuir em nossos objetivos setoriais em termos práticos?”*. Das três questões iniciais, só restou uma. As outras que surgiram estavam, agora sim, relacionadas ao desenvolvimento do próprio grupo.

Esse foi um momento-chave na aplicação do trabalho, pois os participantes saíram de um lugar de desconfiança em relação à efetividade e objetivo dos encontros para um lugar de questionamento sobre o desenvolvimento do próprio grupo. Toda a atividade de compartilhamento de inquietações, iniciada no primeiro encontro e finalizada no segundo, foi fundamental para percebermos a importância de se instigar o grupo a chegar às suas verdadeiras questões.

A prática da PC então aplicada foi “Fortalecer as alianças e parcerias”. Para isso escolhemos o jogo Travessia (Brotto, 2013), com o objetivo de proporcionar aos participantes reflexões sobre vários aspectos como cooperação, competição, liderança, ao se vivenciar a superação de um desafio juntos. O jogo transcorreu com naturalidade e os grupos se envolveram bastante para cumprir o desafio estabelecido. Ao final, quando foi proposta uma comemoração pelo resultado alcançado, a turma comemorou entusiasmada. Concluímos que utilizar esse jogo para o objetivo de fortalecer alianças e parcerias foi bastante adequado, pois, os participantes fizeram algumas reflexões importantes, como comprovam as falas do grupo. A participante M.B. mencionou: *“O papel da liderança vai passando por diferentes pessoas. As diferenças acabam se completando.”* A participante J.M. se atentou para a questão do planejamento, dizendo: *“Fomos para a ação muito rápido, não teve planejamento.”* A dificuldade de agir cooperativamente também ficou clara nesta fala do participante L. V. : *“Sair do seu umbigo e pensar o que o fulano vai achar, dá mais trabalho. Às vezes é mais rápido partir para a ação, mas com isso, você acaba desconsiderando visões e alternativas.”*



Terminado o segundo encontro, ficou claro que o grupo tinha entrado no espírito da cooperação e entendido o objetivo de estarem juntos nesse trabalho. Isso ficou bem ilustrado pela história do participante C.C. que, em uma das atividades do dia, relatou que estava se sentindo traído e enganado após o primeiro encontro, pois achava que estava ali para encontrar soluções para o EcoCâmara e não para, segundo suas próprias palavras, “ajudar um grupo a fazer um trabalho de escola”. Entretanto, ao fim do segundo encontro ele já havia entendido o propósito e estava disposto a ficar e colaborar. Além disso, um movimento bastante interessante, indicativo do nível de cooperação, surgiu quando a participante R.G., frente à necessidade do grupo de se reunir em um local externo no último encontro, ofereceu a própria casa e o grupo aceitou, programando, inclusive, um almoço comunitário.

O terceiro encontro, no dia 27/8, teve a participação de sete coordenadores e dois membros do Escritório Verde e o foco foi a prática “Reunir Soluções Como-Ums”. Utilizamos a metodologia colaborativa *World Café* com o propósito de reunir ideias, percepções e soluções comuns para as inquietações do grupo, dentre as quais destacamos as soluções relacionadas à criação de espaços de interatividade para o próprio grupo, como: a) Promover encontros sistemáticos para fortalecimento e coesão do grupo atual poderá atrair e formar uma nova geração de militantes e b) Fortalecer a integração com mais interação pessoal.

Soluções relacionadas à organização e planejamento do Ecocâmara foram elencadas, como: a) Fazer planejamento sistêmico das questões ambientais da Câmara e b) A regulamentação do Ecocâmara fortaleceria as intermediações entre os órgãos, dando mais visibilidade às ações.

O tema da sustentabilidade estimulou a elaboração de soluções, como: a) incorporar efetivamente ações de sustentabilidade nos diversos níveis da Câmara e b) estimular a capilaridade das temáticas de sustentabilidade dentro e fora da organização.

Divulgação e comunicação também foram abordados nas seguintes soluções: a) Aprimorar técnicas de abordagem e de troca de conhecimentos e b) Divulgar o Ecocâmara como gestor das atividades socioambientais da Câmara dos Deputados.

A metodologia *World Café* surtiu os efeitos esperados. Durante todo o tempo da conversa houve envolvimento dos participantes. As conclusões a que cada mesa chegou revelaram a qualidade da discussão e as múltiplas possibilidades que o grupo encontrou para responder às próprias questões.

No último encontro, em 5/9, compareceram sete coordenadores de área temática e dois membros do Escritório Verde. Foram aplicadas as práticas “Realizar Projetos de Cooperação” e “Celebrar o Ven-Ser”.

Para o desenho de projetos, a metodologia aplicada foi o *Open Space*, com a pergunta: *Que projeto me inspira paixão e responsabilidade?*, o que resultou em quatro ideias, duas delas resultando em projetos:

1. **Venha ser Verde você também: Pergunte-me Como!** - Este projeto consiste na promoção de encontros com todas as áreas temáticas para fortalecer a rede, a fim de formar um colegiado e conhecer as capacidades de cada um, com a visão de gerar compromisso. Este projeto prevê a realização de uma reunião inicial com a presença do Diretor Geral da Câmara dos Deputados, para apresentação do resultado dos Encontros de Cooperação e reuniões bimensais subsequentes.
2. **Após 10 anos, é preciso estruturar mais o Ecocâmara?** - Essa discussão reuniu todo o grupo ao final do Open Space em uma conversa sobre os rumos

do Ecocâmara. O grupo foi convidado a estruturar um projeto sobre o tema, mas não achou oportuno.

3. **Como conhecer o tema Licitações Sustentáveis?** - Essa discussão retomou um projeto que já havia se iniciado e deu novo impulso a ele. Trata-se da promoção de um seminário sobre Licitações Sustentáveis com o objetivo de que os participantes ao final do curso estejam sensibilizados para o tema, despertem um olhar sustentável nas suas rotinas de trabalho, adotem práticas socioambientais no planejamento de suas compras, verificando as reais necessidades da aquisição, realizem busca por produtos ecológicos e apliquem as normas ambientais nos editais.
4. **Ambientação para os Coordenadores** - O projeto consiste em criar uma Ambientação para coordenadores de área temática, a fim de dar-lhes uma visão geral sobre o Ecocâmara e sobre o papel dos coordenadores.

A prática "Celebrar o Ven-Ser" foi vivenciada na organização de um almoço comunitário. A celebração continuou com mais uma atividade: a confecção de caixas artesanais, liderada por uma das participantes, que procurou realizá-la de forma cooperativa, demonstrando seu aprendizado nessa jornada.

Na avaliação final, feita por meio de um *World Café*, o grupo chegou à conclusão de que os aspectos que emergiram nesse trabalho e precisam se consolidar são: a) a crença de que comunicação e o espírito colaborativo entre os coordenadores devem ser aperfeiçoados – para promover a visão sistêmica; b) a necessidade de consolidação do apoio da alta administração para aceitação dos órgãos, relativo a legislação socioambiental e princípios socioambientais; c) a necessidade de reconhecimento do trabalho dos coordenadores de área temática, com elogios nos assentos funcionais, prêmio anual e d) entregar o distintivo (*botton*) do EcoCâmara a cada coordenador de área e a necessidade de formação continuada para os coordenadores de área temática. O grupo chegou à conclusão de que o que o já o que morreu e ficou para trás foram as ações isoladas.

O grupo apontou que as barreiras superadas foram: a) o isolamento, o que viabilizará o trabalho sinérgico entre os coordenadores, b) o desconhecimento sobre o sistema EcoCâmara, sobre sua conceituação e seus principais sujeitos e c) a falta de visão do funcionamento do EcoCâmara e da interação transversal entre áreas temáticas.

Finalizado o trabalho o EcoCâmara era percebido como um sistema que necessitava de melhorias, tais como mais integração e disseminação de formação e de informação.

Em relação às contribuições da PC e das Metodologias Colaborativas para o desenvolvimento do grupo, todos os presentes no último encontro mencionaram efeitos positivos, entre os quais destacam-se: a) a integração do grupo, obtida de forma lúdica e criativa, b) o desenvolvimento da visão sistêmica, c) o diagnóstico dos problemas e d) a construção de objetivos e projetos comuns, como pode ser visto nas seguintes respostas dos participantes:

*(A PC e as Metodologias Colaborativas) “proporcionam interação pessoal e, principalmente permite de forma igualitária a participação no processo de construção dos saberes.”*

*“A forma lúdica facilitou a abertura e trouxe proximidade para o grupo e liberdade para todos se expressarem.”*

*“Creio que desenvolvemos laços de amizade e de cooperação que serão importantes para o desenvolvimento do Ecocâmara.”*

*“A integração do grupo foi um dos aspectos que as metodologias trouxeram.”*

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o objetivo de avaliar as contribuições da PC e das Metodologias Colaborativas para o desenvolvimento do grupo de coordenadores de áreas temáticas do EcoCâmara, o trabalho desenvolvido teve como base os princípios, práticas, processos e procedimentos da Pedagogia da Cooperação.

Aos coordenadores foi oferecido um ambiente no qual as Sete Práticas da PC foram experimentadas. Para isso, foram utilizados os variados processos (metodologias colaborativas) e procedimentos dessa abordagem.

O espaço oportunizado pelos encontros permitiu a reflexão sobre a reconfiguração do funcionamento do EcoCâmara, seja pela adoção de projetos comuns que permitam mais integração dos coordenadores, seja pela reestruturação do sistema como um todo. O grupo percebeu a necessidade de uma proposta de trabalho mais cooperativa, na qual as várias áreas temáticas tenham um espaço de construção coletiva. O resultado esperado pelo grupo, a partir dessa proposta, é o fortalecimento do sistema EcoCâmara, por meio do desenvolvimento de uma Visão Sistêmica.

A percepção inicial de que o sistema EcoCâmara se caracterizava por um excesso de individualismo, manifestado em ações isoladas, evoluiu para uma percepção de que só há espaço de fortalecimento a partir de uma maior integração, o que foi vivenciado durante os encontros. Por isso, acreditamos que, com esse trabalho, adiciona-se ao Escritório Verde, além de induzir, mediar ou facilitar os processos que dizem respeito à gestão ambiental em sua dimensão ampla na Casa, o papel de propiciar, com a participação efetiva do grupo de coordenadores, o espaço para que haja a possibilidade de integração desse grupo e a realização de projetos comuns.

Tendo em vista esses resultados alcançados, a principal limitação por nós enfrentada foi a dificuldade de reunir mais coordenadores na realização deste trabalho. De um grupo inicial de mais de trinta e cinco pessoas, apenas dezesseis chegaram a participar dos encontros de cooperação. Em alguns deles, houve a participação de nove pessoas. Essa limitação tem diversos motivos, relacionados, sobretudo, à dificuldade de conciliar as agendas pessoais e profissionais dos participantes e pela importância relativa do papel de coordenador de área temática em relação à sua atividade “principal”. Essa dificuldade serve de alerta para a intenção de promoção de novos encontros para integração do grupo.

O pressuposto de que a PC era capaz de trazer contribuições para que o grupo se desenvolvesse foi confirmado. De fato, essa abordagem fortaleceu o grupo e aumentou a percepção de pertencimento e a intenção declarada de promover mudanças no sentido de fortalecer a integração. No entanto, é clara a percepção de que há barreiras estruturais no sistema EcoCâmara que dificultam sobremaneira a adoção de estratégias que promovam a cooperação e o encontro dos coordenadores, como pôde ser visto na entrevista realizada no início do trabalho e sentido por nós com a dificuldade de reunir mais pessoas.

Vale ressaltar que a finalização deste artigo se deu apenas algumas semanas após o término dos encontros de cooperação. Desta forma, não foi possível analisar os resultados desse trabalho a médio e longo prazo. Ao mesmo tempo em que não se pode prever os frutos e a continuidade deste trabalho no EcoCâmara, foi possível colher as impressões, ideias e iniciativas surgidas durante os encontros, nos quais os participantes parecem ter assumido para si o papel de locomotiva de uma mudança que abrangerá um grupo maior de coordenadores.

Para nós, pesquisadores, vivenciar essa experiência trouxe-nos alguns ensinamentos preciosos. Promover cooperação exige, antes de tudo, viver a cooperação. Durante o processo, vimo-nos várias vezes desafiados a produzir soluções comuns para as inquietações advindas da aplicação da PC. Nesse processo, a fim de encontrar um ritmo comum, foi importante o esforço de manter encontros presenciais e virtuais constantes, nos quais o sentimento e a verdade de cada membro do grupo eram expostos com sinceridade. A construção coletiva demandou o exercício do desapego das próprias ideias e a prática constante de processos como o diálogo e a comunicação não-violenta.

Trabalhar com o Ecocâmara também nos ensinou a importância de trocar ideias e percepções a respeito da evolução do grupo e a importância da necessidade de preparação prévia, inclusive espiritual, para lidar com as expectativas pessoais e grupais. Exigiu de nós desenvolver a capacidade de perceber essas expectativas, acolhê-las no contexto e permitir que a adequada resposta pudesse surgir na interação. Aprendemos também que, por mais tenhamos soluções “ideais” em nossas mentes, precisamos deixar que o grupo encontre as suas. E ele as encontrará.

A realização dessa pesquisa colaborou para o desenvolvimento da PC como uma abordagem capaz de promover a Cultura da Cooperação no contexto das organizações públicas brasileiras. Isso se deu pelo fato de que o grupo do Ecocâmara, movido por um interesse comum, e buscando trabalhar transversalmente dentro de uma estrutura hierárquica tradicional, conseguiu perceber as dificuldades de conciliar essas duas formas de trabalho e que, por meio do encontro, das conversações, do diálogo e da cooperação, é possível encontrar caminhos que possibilitem a coexistência desses modelos.

## REFERÊNCIAS:

BOHM, David. Diálogo: **Comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2005.

BOTSMAN, R.e ROGERS, Roo. **O que é meu é seu**: como o consumo colaborativo vai mudar o seu (nosso) mundo? Porto Alegre: Bookman, 2011.

BROTTO, Fabio Otuzi. **Jogos Cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 4ª Ed. São Paulo: Palas Athena, 2013.

BROTTO, Fábio Otuzi. **A PC construindo um mundo onde todos podem Ven-Ser**. 2000. Disponível em: <<http://www.projetocooperacao.com.br/publicacoes/a-pedagogia-da-cooperacao-construindo-um-mundo-onde-todos-podem-Ven-Ser/>> Acesso em 20 de setembro de 2014.

BROTTO, Fábio; ARIMATEA, Denise Jayme de. **Pedagogia da cooperação**. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013. 66 p. – (Cadernos de referência de esporte; 12).

BROWN, Juanita. **O World Café**: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas. São Paulo: Cultrix, 2007.

BUBER, Martin; ZUBEN, Newton Aquiles von. **Eu e tu**. São Paulo, SP: Centauro, 1979.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2008.

- COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D., STAVROS, Jacqueline M., **Manual da Investigação Apreciativa**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.
- COSTA, Ana Lúcia. LORTHIOIS, Céline. RODRIGUES, Gláucia H. C. B. et al. **Danças Circulares Sagradas**: uma proposta de educação e cura. Org. Renata Carvalho L. Ramos. São Paulo: TRIOM: Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- LANNES, Luciano Santos. **Equipes e Cooperação**: O elo essencial. Sorocaba: Editora Saraswati, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **HomoEroticus**: comunhões emocionais. trad Abner Chiquieri; 1ª ed. Rio de Janeiro:Forense, 2014
- MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural. 2010
- MARIOTTI, H. **Complexidade e pensamento complexo**. Texto introdutório, 2000. Disponível em < <http://www.humbertomariotti.com.br/artigos.asp>>. acesso em 21/setembro/2014.
- MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.
- NICOLESCU, Basarab **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo, Triom: 1999. Disponível em <http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org/mod/folder/view.php?id=18>, acesso em 21/setembro/2014.
- OWEN, Harrison. **Coffeebreak produtivo**: Editora Novo Paradigma. 2003.
- RAMOS, R. L. C. (Org.). **Danças Circulares**: uma proposta de educação e de cura. São Paulo: Triom. 1998. Pp. 55-72.
- ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.
- TÁVOLA, Artur. Isso de ganhar. In: **Comunicação é Mito**: televisão em leitura crítica, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 275-279.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.
- TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 34, n. 122, Mar. 2013 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-)

[73302013000100009&lng=en&nrm=iso](https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000100009) . acesso em 20/setembro/2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302013000100009>

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2003.

WEBER, Max. **Sociologia**. São Paulo: Atlas, 1979.

WEILL, Pierre. **Holística**: uma nova visão e abordagem do real. 1987. Livro digital. Disponível em: <<http://pierreweil.pro.br/1/Livros/Portugues/on%20line/Holistica%20-%20Uma%20Nova%20Visao%20e%20Abordagem%20do%20Real.pdf>> . Acesso em 04/11/2014.